



## A FICÇÃO DE MOACYR SCLiar ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Lincoln Amaral (USP)<sup>1</sup>

Profa. Orientadora: Berta Waldman (USP)

**RESUMO:** o enredo do romance “Cenas da vida minúscula” oscila entre dois eixos narrativos: o passado e o presente. Ao evocar a memória familiar do protagonista, o primeiro eixo narrativo aborda elementos da tradição judaica. Após a diáspora vivenciada por ele, o segundo eixo narrativo se desenvolve num tempo presente angustiante. Certas metáforas potencializam o agudo olhar do autor às complexas relações de alteridade decorrentes desse contexto. Presente em toda a obra, o antagonismo passado-presente produz diálogo contínuo entre tradição e judaísmo diaspórico. Tais polos projetam a perspectiva de um futuro incerto e reificado. O protagonista passa por suposto efeito amnésico, cena essa que se apresenta ao leitor de forma desconcertante. Tal cenário pode pôr em cheque a verossimilhança construída na obra. Se o eixo narrativo do passado foi fruto de uma ilusão, o que dizer do presente? Esse dilema descortina aspectos inexplorados das relações entre passado-presente, relativiza as noções de tempo, de espaço, dos conceitos de “eu” e “outro” presentes na obra. Leva-nos assim a questionar: de que passado, presente, futuro se trata? Com esse desfecho Scliar reduplica a ambiguidade do tema escolhido, apontando um itinerário marcado pela estranheza, pela circularidade que está a serviço do pequeno *versus* o grande, a floresta *versus* a cidade, a gênese mágica *versus* o desencanto de sua transformação em memória.

**Palavras-chave:** Scliar; Judaísmo; Alteridade; Diáspora; Identidade

“... uma ideia que até a mim surpreende,  
e que me faz perguntar se quem a trouxe foi o anjo  
que o vento da História arremessa ao futuro,  
ou um espectro emergindo das sombras  
do passado. (SCLiar, 1991, p. 235) <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Doutorando na Universidade de São Paulo – Departamento de Línguas Orientais - Estudos Judaicos - Membro do grupo de pesquisa: Presença judaica na literatura brasileira – USP. Fone: (19) 98122-2769 – e-mail: lincolnbio@superig.com.br

<sup>2</sup> Trecho do romance: *Cenas da vida minúscula*

Uma primeira leitura, mesmo que fragmentária e ainda não sistematizada, da fortuna crítica da obra de Moacyr Scliar, mostra que as principais vertentes nela desenvolvidas, são o seu caráter de assimilação do estrangeiro ao nacional, e a oscilação entre elementos históricos narrados de forma realista, e elementos fantásticos, míticos e surreais.

Esse trabalho pretende contribuir com essas e outras leituras focalizando outro aspecto, a meu ver bastante interessante em algumas obras do autor: a relação dialética que se estabelece entre passado (nesse caso frequentemente relativo à memória da tradição judaica) e o futuro dessa etnia após ter vivenciado o fenômeno da diáspora (um futuro incerto, descaracterizado e reificado frente aos valores homogeneizantes do capitalismo moderno).

Trata-se de um foco de análise ainda não desgastado e, portanto, com possibilidade de aprofundamento de investigações sobre a obra do autor; tal foco não se esgota em si mesmo, isto é, pode ser conectado às leituras existentes, possivelmente enriquecendo-as e, por fim, talvez uma análise como esta auxilie a verificação mais cuidadosa da percepção dos modos como se enlaçam e se problematizam mutuamente história e mito, formas de representação e temas representados.

Filho de imigrantes provenientes do leste europeu, o escritor judeu-brasileiro Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre no ano de 1937. Traduzida em vários idiomas, a extensa obra desse autor contempla mais de oitenta títulos classificados em diversos gêneros.

Segundo palavras de Moacyr Scliar sobre a situação dos judeus do leste europeu que imigraram ao Brasil:

Maravilhados embora, os judeus hesitavam ainda em abandonar o seu lar. Pobre lar, ameaçado lar, mas lar, em cujo telhado míticos violonistas tocavam as melancólicas melodias de um passado que se confundia com o presente. Mas não o futuro, cada vez mais incerto – e ameaçador. (SCLIAR, 1985, p. 16).<sup>3</sup>

A mesma condição é descrita com enfoque sociológico em recente livro de Eva Alterman Blay:

---

<sup>3</sup> Trecho do livro: *Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul*.

Os judeus na Rússia, na Polônia, na Romênia e na Alemanha estavam sujeitos a formas de subordinação que os excluía dos direitos civis: não tinham o direito de se locomover no território, eram obrigados a morar em ‘áreas determinadas’, não tinham liberdade de trabalho, eram submetidos a *numerus clausus*<sup>4</sup> na educação e, sob os mais fortuitos pretextos, eram vítimas de *pogroms*<sup>5</sup>”, (BLAY, 2013, p.33).<sup>6</sup>

Para Nelson Vieira (1995) os textos de Scliar, ao articular a alteridade, incorporam a perspectiva do outro. Mais ainda, ao introduzir o ângulo do outro e perspectivas fronteiriças, o relato também convida o leitor a situar-se numa posição de alteridade e olhar o mundo a partir de uma ótica diferente. Patricia Nuriel (2011) acrescenta que essas personagens liminares movem-se com frequência em espaços que também são periféricos.

“A acentuada presença de elementos ficcionais híbridos no trabalho desse autor, permite que se eleja o foco analítico de perscrutar os *entrelugares* originários das interseções entre as representações binárias características de Scliar” (WALDMAN, 2003, p. 104), com especial relevo para aquelas que permeiam as relações entre judeus e não-judeus, frequentemente contaminadas por estereótipos, visões tipificadas e outras simplificações que obstaculizam a articulação com a alteridade. Essa construção identitária dupla ocupa posição nuclear no projeto literário de Scliar, englobando cada uma das três fases de sua produção autoral, que será resumida aqui de forma esquemática segundo classificação proposta por Ana Cecília Agua de Melo (2004).

Dos romances da primeira fase, produzidos entre os anos de 1972 a 1979, destacam-se: *A guerra no Bom Fim* (1972)<sup>I</sup>, *O exército de um homem só* (1973)<sup>II</sup>, *Os deuses de Raquel* (1975)<sup>III</sup>, *O ciclo das águas* (1975)<sup>IV</sup>, *Mês de cães danados* (1975)<sup>V</sup>, *Doutor Miragem* (1978)<sup>VI</sup> e *Os voluntários* (1978)<sup>VII</sup>. São obras ambientadas na cidade de Porto Alegre e circunscritas ao bairro do Bom Fim. Enfatizam temática relacionada as distintas escolhas que opõem entre si gerações dos imigrantes judeus: entre os que lutam por conservar suas tradições culturais daqueles que, nascidos no Brasil, almejam assimilar-se à cultura hegemônica, opção que os leva habitualmente a abdicar da pertença ao seu próprio grupo étnico.

---

<sup>4</sup> Número fixo e coercitivo que restringe a quantidade de pessoas que podem ser aceitas em determinado grupo.

<sup>5</sup> Ataques sistemáticos da população em geral, caracterizados por extrema violência, contra os judeus do Império Russo e de outros países da Europa Oriental.

<sup>6</sup> Trecho do livro: *O Brasil como destino: Raízes da imigração judaica contemporânea para São Paulo*

A segunda fase da produção de Scliar, que perdurou do ano de 1980 a 1991, abarca, entre outras obras de ficção longa, *O centauro no jardim* (1980)<sup>VIII</sup>, *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983)<sup>IX</sup> e *Cenas da vida minúscula* (1991)<sup>X</sup>. Tais romances que não mais se restringem ao microcosmos do bairro do Bom Fim, ampliaram o olhar do autor para temas nacionais, uma vez que priorizam painéis históricos e metáforas sobre o país. Todavia, conservam traços característicos das letras judaicas, como a circularidade, a fragmentação textual, a escrita *diaspórica*<sup>7</sup>, a parábola e a intertextualidade com a Bíblia e a Cabala.

De acordo com observação de Berta Waldmann:

Entre a tradição, a inserção no país, e os olhos voltados para Israel, o lugar do judeu é intersticial. É desse lugar que emana a ficção de Scliar. A vida no intervalo apresenta dificuldades que seus heróis se esforçam por superar, à medida que o processo de mestiçagem étnica e cultural segue seu curso. (WALDMAN, 2012, p.14).

Parece factível incluir também nesse intervalo intersticial algumas outras personagens góim<sup>8</sup> do autor, embora elas ocupem tal terreno movido por outras razões. Assim, visando ampliar o ponto de vista analítico convencional, faz-se necessário relacionar as representações do judeu e do não-judeu na ficção de Moacyr Scliar, visto que as identidades de ambos são usualmente conflitantes e, as vezes, dialeticamente complementares. Tais negociações identitárias são recorrentes no romance *Cenas da vida minúscula*.

São exemplos de romances da terceira fase da produção de Scliar, que ocorreu entre os anos de 1992 a 2011, *Sonhos tropicais* (1992)<sup>XI</sup>, livro em que o autor narra, no solo híbrido entre história e ficção, aspectos sociais da medicina e da vida de Oswaldo Cruz que eclipsam a temática judaica. Porém, ela é retomada em *A Majestade do Xingu* (1997)<sup>XII</sup>, cuja narrativa explora, entre outras questões, períodos específicos da história brasileira, descrita novamente com o viés judaico por um personagem-narrador imigrante.

No decorrer de sua trajetória profissional, Scliar compatibilizou as carreiras de professor, médico sanitário e escritor. Vinculado à comunidade científica, militou pela

---

<sup>7</sup> Para maiores informações sobre a *Escrita Diaspórica* ver artigo de Shaleen Singh nas Referências Bibliográficas.

<sup>8</sup> Góim, plural de góim. Termo utilizado pela comunidade judaica para se referir aos não-judeus ou gentios.

viabilização de metas em prol da Saúde Pública: o saneamento das águas, o aconselhamento médico familiar, a prevenção de doenças, a adoção de políticas para mitigar epidemias, o controle microbiológico do ambiente.

Esta atuação do médico Moacyr Scliar pode ter influenciado seu projeto literário, por meio da exploração de imagens, sobretudo de elementos naturais, como a água, a terra, os animais, as plantas, os microorganismos, entre outras, utilizadas como metáforas auxiliares à arquitetura de suas narrativas.

Tais elementos reverberam em alguns romances do autor e provavelmente amplificam o caráter ambíguo das suas personagens. É provável que eles coexistam em um movimento oscilante, ora tratados de forma “realista”, até mesmo com certo rigor científico; ora abordados a partir de sua dimensão onírica e simbólica, nesse caso por meio de uma perspectiva “fantástica”.

Para Berta Waldman:

Moacyr Scliar é um dos poucos escritores nacionais que tematiza o fenômeno da imigração judaica ao Brasil. O trabalho desse autor pode ser considerado em certa medida a contrapartida da literatura dos viajantes, responsável por alterar o ponto de vista e o olhar do imigrante sobre a própria tradição cultural de origem, de modo a permitir sua inserção na nova pátria (WALDMAN, 2003, p. 103-104).

Outro elemento significativo desse filão literário é o dilema crucial que se coloca ao estrangeiro: a possibilidade de ser assimilado pela cultura hegemônica e perder sua identidade.

Segundo Haron Jacob Gamal (2009)<sup>9</sup>, Scliar pertenceria a uma gama de autores que poderiam ser considerados como *anfíbios culturais*, cuja representação literária se moldou em duas línguas-culturas de raízes diferentes. A integração entre essas polaridades culturais ocorre de forma difícil e dolorosa. Pertencer simultaneamente a culturas diversas pode significar, na verdade, não pertencer de maneira segura a nenhuma delas; fazer parte de um lugar que se desloca constantemente; ser sempre estrangeiro.

Rico em alegorias e com o traço irônico do melancólico humor de Moacyr Scliar, o romance “Cenas da vida minúscula” é narrado em primeira pessoa pelo

---

<sup>9</sup> Tese de doutoramento: *O anfíbio cultural na prosa brasileira de ficção*, p. 10-1

protagonista autodenominado “Baixinho”. O enredo da obra oscila entre dois eixos narrativos: o passado e o presente. Essa perspectiva é favorecida pelos temas e recursos estilísticos eleitos: a intertextualidade, a fábula, o messianismo e a circularidade.

Ao evocar a memória familiar do protagonista, o primeiro eixo narrativo aborda elementos da tradição judaica. A gênese se inicia com o mago Habacuc, filho do rei Salomão. Trata-se de um ser dividido entre duas escolhas: trazer a Amazona pela qual seu pai se apaixonara ou transgredir e realizar seu desejo de criar a vida.

Nessa evocação - impregnada de experiências mitológicas, alquímicas e cabalísticas - a dinastia de Habacuc escolhe a segunda opção. Erra por amplo espaço movediço, ora no Oriente, ora na Europa, e por fim na América. Atravessa séculos em busca da utopia que se concretiza na Amazônia, com a criação da colônia de homúnculos ancestrais do protagonista.

Fruto desta diáspora que o “Baixinho” experimenta, o segundo eixo narrativo se desenvolve num tempo presente angustiante. Junto a sua amada Laila, ele é capturado da aldeia pelo gigante Naum, personagem que personifica a exploração do pequeno pelo grande. Assim, passa a habitar o opressivo apartamento paulistano, e se frustra frente à necessidade de sobreviver naquele mundo ambíguo, ao mesmo tempo hostil e sedutor.

Os minúsculos tentam se adaptar à usura dos gigantes. Certas metáforas potencializam o agudo olhar do autor às complexas relações de alteridade decorrentes desse contexto. O desenraizado protagonista testemunha a bizarra relação erótica que ocorre entre Laila e o seu algoz. Essa “mulherícula” ganhara a boneca *Barbie* do gigante, e, tentando se transformar nela, por meio de um banho de água oxigenada, morre intoxicada. O “Baixinho”, por sua vez, é acometido por fantástico processo de crescimento (de 10 cm atinge 140 cm) e depois consegue fugir. Pode agora andar, então, nas ruas, entre as pessoas “normais”, sem ser notado. Porém, terá ainda de suportar o permanente estigma originado de sua baixa estatura.

Presente em toda a obra, o antagonismo passado-presente produz diálogo contínuo entre tradição e judaísmo diaspórico. Tais polos projetam a perspectiva de um futuro incerto e reificado. Quase ao apagar das luzes do romance, é isso o que o panorama narrativo desenha.

O protagonista descobre que a clareira onde nasceu foi substituída por uma plantação de arroz. De volta a São Paulo, sofre um surto de malária cerebral e padece com “delírios espantosos”. Passa a viver com a namorada Glória, que pretende

concretizar um negócio com Naum, o algoz que havia capturado o “Baixinho” na floresta.

Ao visitar o apartamento de Naum, o protagonista mal reconhece o local e a história que ali teria *vivido*. Passa então a se questionar, ele poderia ser um amnésico em recuperação? Toda a sua odisséia familiar resultou dos delírios maláricos? Ou está apenas confuso? Esse suposto efeito amnésico também se apresenta ao leitor, que pode pôr em cheque a verossimilhança construída.

Se o eixo narrativo do passado foi fruto de uma ilusão, o que dizer do presente? Esse dilema descortina aspectos inexplorados das relações entre passado-presente, relativiza as noções de tempo, de espaço, dos conceitos de “eu” e “outro” presentes na obra. Leva-nos assim a questionar: de que passado, presente, futuro se trata?

Com esse desfecho magistral, Scliar reduplica a ambiguidade do tema escolhido, apontando um itinerário marcado pela estranheza, pela circularidade que está a serviço do pequeno *versus* o grande, a floresta *versus* a cidade, a gênese mágica *versus* o desencanto de sua transformação em memória.

## Referências

### 1 Obras de Moacyr Scliar

- (I) *A guerra no Bom Fim*. RJ: Expressão e Cultura, 1972; Porto Alegre: L&PM, 1981
- (II) *O exército de um homem só*. RJ: Expressão e Cultura, 1973; Porto Alegre: L&PM, 1983; L&PM Pocket, 1997
- (III) *Os deuses de Raquel*. RJ: Expressão e Cultura, 1975; Porto Alegre: L&PM, 1983
- (IV) *O ciclo das águas*. Porto Alegre: Editora Globo, 1975
- (V) *Mês de cães danados*. Porto Alegre: L&PM, 1978
- (VI) *Doutor Miragem*. Porto Alegre: L&PM, 1978; L&PM Pocket, 1998
- (VII) *Os voluntários*. Porto Alegre: L&PM, 1979
- (VIII) *O centauro no jardim*. RJ: Nova Fronteira, 1980; Porto Alegre: L&PM, 1983
- (IX) *A estranha nação de Rafael Mendes*. Porto Alegre: L&PM, 1983
- (X) *Cenas da vida minúscula*. Porto Alegre: L&PM, 1991

- (XI) *Sonhos Tropicais*. SP: Companhia das Letras, 1992
- (XII) *A Majestade do Xingu*. SP: Companhia das Letras, 1997

## 2 Referências Bibliográficas

BLAY, E.A. *O Brasil como destino: Raízes da imigração judaica contemporânea para São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP. 2013. p. 33.

Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. XI, 2008, São Paulo. *De uma Literatura de Imigração a uma Literatura Migratória: Breve Análise da Obra de Moacyr Scliar*. São Paulo: Edusp, 2009.

DE MELO, A.C.A. *Humildes livros, bravos livros: cenas da história brasileira na ficção de Moacyr Scliar*. Campinas: DTL/IEL/Unicamp. Dissertação de Mestrado.2004. pp. 1-3.

GAMAL, J.G. *Estrangeiros – O anfíbio cultural na prosa brasileira de ficção*. São Paulo: Ibis Libris, 2013.

NURIEL, P. O significante “Israel” na novelística de Moacyr Scliar. **Revista do instituto cultural judaico Marc Chagall**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan/jun), p.87-96, 2011.

SCLIAR, M. *Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: RIOCELL, Vol.II. 1985. p. 16.

SINGH, S. *Diaspora literature: a testimony of realism, 2008*. In: BRAGA, C.R.V. &

GONÇALVES, G.R. *Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos*: Revista Trama. Vol. 10, Núm. 19, 2014 p. 37 – 47.

VIEIRA, N. *Jewish Voices in Brazilian Literature: A Prophetic Discourse of Alterity*. Gainesville: University Press of Florida, 1995. P.203.



WALDMAN, B. *Entre Passos e Rastros: Presença Judaica na Literatura Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2003. pp. 103-4.

WALDMAN, B. Os caminhos da ficção de Moacyr Scliar. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 6, n. 11, 2012.

ZILBERMAN, R. A Ficção de Moacyr Scliar. **Suplemento Literário**, Minas Gerais, V. 15, n. 808, março 1982, p. 8.

### 3 Referências Gerais

ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. *Dialética de esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDERSON, P. “Trajetos de uma forma literária”. Trad. Milton Ohata, in *Revista Novos Estudos*, CEBRAP, número 77, março de 2007, p.p. 205-220.

BACHELARD, G. *A água e os sonhos*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BENJAMIN, W. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”. In: *Obras escolhidas*, v. I, *Magia e técnica, arte e política*. Trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense 1985. p.p. 197-221.

CAPELA, C.E.S. *Representações de Migrantes e Imigrantes: O Caso de Juó Bananére*. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, vol. 52, 1994.

ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAUSTO, B.(org.). *Fazer a América*. 2ª ed., São Paulo, Edusp, 2000.

FREUD, S. *O Estranho*. In: *Obra Completa*. Vol. 17, São Paulo, Standard.

GAGNEBIN, J. M. *História e Narração em Walter Benjamin*. S. Paulo: Perspectiva, 1999.

GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1998

IGEL, R. *Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros: O Componente Judaico na Literatura Brasileira*. São Paulo, Perspectiva, 1997.

JAMESON, F. “O romance histórico ainda é possível?”. Trad. Hugo Mader. Revista *Novos Estudos*, CEBRAP, no. 77, março de 2007, p.p. 185-203.

LESSER, J. *O Brasil e a Questão Judaica (Imigração, Diplomacia e Preconceito)*. Trad. Marina Sanematzu. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, s./d.

SAYAD, A. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo, Edusp, 1998.

SARLO, B. *Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SORG, B. *Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica*. In: *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

SZKLO, G. S. *O Bom Fim do Shtetl: Moacyr Scliar*. São Paulo, Perspectiva, 1990.

VIEIRA, N. *Hibridismo e Alteridade: Estratégias para Repensar a História Literária*. Cadernos de Centro de Pesquisas Literárias. Porto Alegre, PUC-RS, vol. 4, nº 2, nov. 1998.

ZILBERMAN, R. . *Moacyr Scliar. Território da emoção. Crônicas de Medicina e Saúde*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. v. 1. 275p .

ZILBERMAN, R. (Org.) . *Moacyr Scliar. A poesia das coisas simples*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 256p .

ZILBERMAN, R. . *Do estigma à liberação: representações dos judeus na literatura brasileira*. Revista Iberoamericana, v. LXXVI, p. 63-79, 2010.

ZILBERMAN, R. ; BAILEY, C. F. . *Brasil, Brasis, ou: a hora e a vez das minorias étnicas*. Revista Iberoamericana, v. LXXVI, p. 11-21, 2010.

ZILBERMAN, R. . *Do Bom Fim para o mundo*. Webmosaica, v. 1, p. 116-120, 2009.

ZILBERMAN, R. . *Moacyr Scliar e a literatura sonhada*. Brasil (Porto Alegre), v. 36, p. 5-21, 2007.

ZILBERMAN, R. . *O judeu de Malta: matriz de um mito negativo*. Matraca (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 17, p. 71-79, 2005.

ZILBERMAN, R. . *Moacyr Scliar: escritor de Porto Alegre*. Ecos (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 10, n.23, p. 42-42, 2003.

ZILBERMAN, R. . *Moacyr Scliar e O Ideal do Livro*. CADERNOS DE ALFABETIZACAO E LEITURA, Niterói, v. 1, n.1, p. 11-14, 1993.